



REPS - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Estudos Decoloniais
Sinop, v. 13, n. 3 (34. ed.), p. 757-777, ago./dez. 2022
ISSN 2236-3165
<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps>
DOI: 10.30681/2236-3165

A INQUESTIONÁVEL BELEZA DO CABELO AFRO: diálogos e (des)conexões sobre o impacto do racismo na construção da identidade da mulher negra no Brasil¹

THE UNQUESTIONABLE BEAUTY OF AFRO HAIR: dialogues and (dis)connections about the impact of racism on the construction of the identity of black women in Brazil

Leide Laura dos Santos¹

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar o impacto do racismo na construção da identidade da mulher negra. Buscou-se nessa pesquisa, investigar o porquê de o cabelo afro ser visto e tratado com adjetivos pejorativos e refletir sobre os conflitos das relações raciais no Brasil. A partir de uma revisão bibliográfica e da transcrição de depoimentos de influenciadoras negras, que estão disponibilizados nas redes sociais chegou-se à conclusão que as mulheres negras enfrentam o preconceito e a discriminação estética e usam seus cabelos como um ato de resistir e lutar contra tudo isso e para mostrar ao mundo sua beleza.

Palavras-chave: Beleza. Identidade. Mulher negra. Racismo.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the impact of racism on the construction of the identity of black women. The aim of this research was to investigate why Afro hair is seen and treated with pejorative adjectives and to reflect on the conflicts of racial relations in Brazil. From a bibliographic review and the transcription of testimonies from black influencers, which are available on social network, it was concluded that black women face prejudice and aesthetic discrimination and use their hair as an act of resisting and fighting against everything. That and to show the world its beauty.

Keywords: Beauty. Identity. Black woman. Racism.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou refletir sobre o impacto do racismo na construção da identidade da mulher negra tomando como base o cabelo crespo. Segundo Ribeiro,

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação da Dr.^a Janete Rosa da Fonseca, Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana, 2021.

(2009), a relação desigual entre as raças implica em uma estrutura social racista a partir do momento em que o branco europeu é posto como superior aos negros e os indígenas. O racismo teve sua origem a partir do momento da colonização europeia, onde os portugueses desembarcaram no Brasil e impuseram seus hábitos culturais, políticos, religiosos, sociais, entre outros.

Vivemos num país onde a maioria da sua população é composta por negros e mesmo assim o racismo, preconceito e discriminação afligem constantemente a vida dos brasileiros afro- descendentes. O preconceito se faz ainda muito presente na população brasileira, esse preconceito é constituído historicamente e está enraizado na sociedade brasileira e se torna muito difícil desconstruí-lo.

O cabelo afro é considerado um problema na imaginação de muitas brasileiras como que sendo praticamente obrigatório corrigi-lo através do alisamento. Isso fez com que muitas meninas/mulheres negras alisassem seus cabelos para que pudessem se enquadrar nesse padrão de estética considerado bonito, baseado unicamente numa estética branca.

Buscou-se nessa pesquisa investigar o porquê, do cabelo afro ser considerado ruim, refletir sobre os conflitos das relações raciais do Brasil, onde as mulheres negras sofrem de violência simbólica, onde a grande maioria se veem obrigadas a alisar seus cabelos para que possam ser aceitas. Essa pesquisa visou informar que o cabelo afro e a famosa onda crespa são um ato de resistência. Partimos da hipótese que a partir do momento que as mulheres assumem o seu cabelo natural elas estão se assumindo como mulheres negras e enfrentando sem medo o racismo. A lógica colonial é a lógica que transformou negros e indígenas, no outro e quando se trata de mulheres, Ribeiro (2009), enfatiza que as pressões estruturais colocam estas mulheres em um lugar de inferioridade social, conferindo a elas menos oportunidades sobretudo se forem negras ou indígenas.

As mulheres negras fazem parte de um grupo **condenado**², seus cabelos afro são taxados como Bombril, cabelo duro, cabelo fuá, cabelo ruim, cabelo de bicho, etc. As mulheres negras enfrentam esse preconceito e discriminação estética e usam seus cabelos como um objetivo político. Metodologicamente utilizou-se de uma revisão

² Grifo da autora

bibliográfica e da transcrição de depoimentos de influenciadoras negras, que estão disponibilizados nas redes sociais.

2 IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL

Muito se fala sobre identidade, mas a final o que é identidade segundo Hall (2003, p.13) na “contemporaneidade a identidade está sempre se movimentando atravessa relações de gênero, classe social, etnia, faixa etária, entre outros”. Para Hall o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos identidade que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Mas, porem toda via essas diferentes identidades que assumimos não estão isentas de conflitos entre si.

Segundo Sodré (1999) a identidade de uma pessoa é sempre dada pelo reconhecimento de um outro, isto é, a representação classifica o sujeito socialmente. Ou seja, a identidade é relacional. Para Woodward, (2000) se trata de um processo sempre negociado e renegociado tudo depende dos critérios ideológicos políticos a questão do poder. Silva (2000) tem a mesma linha de pensamento no qual a identidade, assim como a diferença ambas têm uma relação social e possuem relação de poder essas levam a ações de inclusão e exclusão, estabelecendo um abismo entre o, nós e eles. Para Elhajji (2006, p.8) “o desejo de diferenciação das comunidades humanas é, com certeza, inerente a seus próprios processos de autorização e de afirmação enquanto entidade coesas e coerentes”

Com isso pensar em uma identidade negra nos remete a um processo histórico longo que teve início durante o século X, através dos navegadores portugueses e os negros africanos, esse contato resultou em relações mercantilistas com o continente africano, obtendo assim a expansão do tráfico negreiro, na escravidão e colonização da África e seus habitantes. (Munanga, 1999)

Os negros africanos foram arrancados de suas terras, e levados sem saber para onde, e por qual motivo deixando suas famílias, suas culturas, seu nome, sua condição de ser humano que lhe foi tirada, e tudo isso para que se tornassem um objeto pertencente ao colonizador. Ao chegar no Brasil totalizaram mais de 4 milhões de negros que foram obrigados a trabalhar como escravos nos engenhos de açúcar, lavouras de café e nas minas. Durante o regime escravo eles se tornavam posse de

seus senhores eram vendidos como mercadorias, sendo totalmente despersonalizados. (MARTINS, 2015)

Segundo Fanon (2008), acaba surgindo nos negros colonizados um sentimento de inferioridade, nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural. Tentaram assimilar a cultura branca para escapar, e para tal acabaram reproduzindo os adjetivos negativos que recebiam do colonizador.

Enquanto os colonizadores abusam dos adjetivos negativos para descrever o outro com quem tinham se defrontado, numa atitude etnocêntrica, a imagem do colonizador, sua branquitude fortalecia-se em relação aos colonizados. Os relatos preconceituosos deram margem ao nascimento das teorias que embasam o pensamento racista (BARBOSA, 2014, p.61)

Os negros permaneceram socialmente inferiorizados mesmo depois da queda do regime escravocrata. Segundo Sodré (1999) aconteceu uma transição histórica do racismo de dominação para o racismo de exclusão, com a proclamação da república não se fez nenhum projeto de integração dos escravos ao novo regime baseado no ideário liberal. A busca pelo reconhecimento do homem negro e da mulher negra como integrante social da comunidade brasileira iria com o projeto de ascensão social. Segundo Souza, (1983, p.23), “a história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de suas assimilações aos padrões brancos de relação social”. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que lhe se faz hegemônico.

É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento do negro com base na intensidade de sua negação. A identidade negra no Brasil aparece na história através de uma construção social, histórica e plural, não a partir de uma cor, mas sim de uma discriminação cultural por parte de pessoas brancas. A concepção de uma consciência por parte dos negros e seus descendentes, surge a partir de tentar recuperar uma identidade que lhes foi negada.

[...] dessa identidade dos excluídos supõe, na perspectiva dos momentos negros, o resgate de sua cultura, do seu passado histórico negado e falsificado, da consciência de sua participação positiva na construção do Brasil, da cor de sua pele inferiorizada, etc. Ou seja, a recuperação de sua negritude, na sua complexidade biológica, cultural e ontológica (MUNANGA, 1999, p.101)

Existe uma crise étnico- racial na sociedade brasileira que implica a aceitação étnico racial assim como a negação da identidade inferiorizada construída para o negro. A identidade negra no Brasil vai muito além da dimensão simbólica alcançando também o sentido político. Criar uma identidade negra positiva em um país que nega a existência da desigualdade racial é muito difícil, se torna um desafio enorme. Portanto segundo Ferreira (2002), a identidade além de pessoal é social e política. É de suma importância para o indivíduo se auto reconhecer e estar em constante transformações para que possa construir uma identidade através de uma relação consigo mesmo e com o outro e com o ambiente a sua volta.

O povo negro foi visto como de menor valor para a sociedade o que aumenta o preconceito a essa população, as ofensas as piadas, expressões e até mesmo os conceitos que são direcionados a pessoas negras são marcas presentes e predominam neste processo civilizador. O negro ainda aparece como representante do negativismo marcado por atributos pejorativos. Nas palavras de Ferreira, podemos perceber que

A população negra encontra se submetida a um processo em que as condições de existência e o exercício de cidadania tornam se muito mais precários com relação à população considerada branca. Em decorrência, a construção de uma identidade positivamente afirmada, requisito necessário para a melhoria de suas condições sociais, torna se um processo dificultoso. (FERREIRA 2002.p.71)

Mas como se define raça? E racismo então? Qual a definição para essas duas palavras tão ouvidas e discutidas na sociedade? Para Rodrigues (2010), a ciência contribuiu de uma forma negativa para definição de raça fazendo entender que os seres humanos possuíam características genéticas superiores e inferiores em relação uns e outros.

Segundo Bobbio (1998), raça não tem fundamento científico e surge através da palavra racismo. Foi o botânico Augustin Pyrame de Candolle apud Tylor (2009), que passou a utilizar o termo raça nas suas leis de nomenclatura. Surge também a corrente do Evolucionismo cultural, essa corrente afirma a existência psíquica do ser humano dessa forma, todos passariam por um desenvolvimento unilinear onde todos passariam por um desenvolvimento sociocultural não importa a época (TYLOR, 2009).

O antropólogo Lewis Morgan (1877) apresentou uma teoria na qual os seres humanos eram divididos em três estágios: a selvageria, o barbarismo e a civilização,

e teve como consequência a difusão entre superioridade e inferioridade, surgindo assim a hierarquia entre raças.

Já para Ianni, (1978, p.51) “raças são diferenças raciais, socialmente desenvolvidas, elaboradas, ou catalogadas que são continuamente recriadas e reproduzidas, preservando, alterando, reduzindo, ou mesmo acentuando-as características físicas, fenotípicos, psicológicas ou culturais” que diferencia o branco do negro. Sendo uma construção social que era utilizada para justificar a exploração e o serviço escravo.

Com base nas relações entre raça e racismo, se entende não a descrição da diversidade das raças ou de grupos étnicos humanos, realizada pela antropologia física ou pela biologia, mas a referência do comportamento do indivíduo a raça a que pertence e, principalmente, o uso político de alguns resultados aparentemente, científicos para levar a crença da superioridade de uma raça sobre as demais. Este uso visa justificar e consentir atitudes de discriminação e perseguição contra as raças que se consideram inferiores (BOBBIO, 1998, p.1059).

Em termos biológicos, o racismo se apresenta como genótipo ou fenotípico como afirma Munanga

Racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças constatadas que tem características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais, e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizada pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racismo cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguístico, religiosos, etc. Que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual pertence. (MUNANGA, 1999, p.08)

O racismo está no nosso dia a dia, porém parece-nos que de forma oculta, se manifesta de várias formas seja no ambiente da vida privada, com as costumeiras piadas, brincadeiras que querem parecer serem de fato inocentes brincadeiras, na vida pública, na família, nas práticas religiosas, esse racismo acontece em todos os lugares, tanto nas áreas pobres como nas nobres.

A maioria das pessoas que sofrem racismo passa por isso desde a infância. Essas crianças percebem desde o seu cotidiano escolar que o racismo vai estar

presente na sua vida toda, nas histórias de princesas, por exemplo, por muito tempo só existiam princesas brancas, as propagandas da TV sobre família eram sempre representadas por famílias brancas. Os livros didáticos, traziam imagens de famílias brancas tidas como a família perfeita.

Uma criança negra nunca se reconhecia nessas histórias, sempre houve uma ausência da figura do negro no contexto escolar, nas mídias, literatura, arte, brincadeiras e brinquedos e isso aconteceu por muito tempo. É importante destacar a respeito dos brinquedos as bonecas eram sempre loiras, cabelos longos, lisos e loiros, olhos azuis, e essa era a boneca dos sonhos de todas as meninas.

A partir daí se pode entender o quanto os brinquedos constituem-se como um modo de governo e autogoverno das crianças. Suas formas, seu estilo, e sua estética produzem efeitos no jeito de ser criança hoje, pois fabricam modos de subjetividades que aprisionam as crianças em verdades sobre como devem ser seus corpos, seu comportamento, suas atitudes, seus valores. (DORNELLES 2006, p.35)

Com isso as meninas negras não se encaixam nesse padrão de beleza e são expostas a um tipo de estética que não cabe a elas, por muito tempo não se via bonecas que representasse seu tom de pele, seu cabelo crespo, era por essa estética branca que as meninas negras construíam a sua autoestima. É através dessas interações que a sociedade impõe como esteticamente correta que as crianças negras tenham uma baixa estima, são muitas atribuições negativas e tudo isso faz com que elas não gostem de si mesmas. A criança tem que ter autoconfiança de si, e para isso acontecer essas crianças precisam que um adulto estimule essa autoconfiança, e isso tem que acontecer desde a infância, é nesse período que elas desenvolvem seu emocional, desta forma é muito importante que as escolas estejam preparadas para dar suporte a essas crianças.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), fala que para que seja incorporada pelas crianças a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades, é preciso estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição, estas práticas. Segundo Benicini (2004),

O trabalho de educação antirracista deve começar cedo. Na educação infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança negra precisa se ver como negra aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa. Por isso, deve ser cuidadosa a

seleção de livros didáticos e de literatura que tenham famílias negras bem-sucedidas, por exemplo, heróis e heroínas negras. (BENICINI, 2004, p.51).

É de suma importância o papel da escola frente essa diversidade cultural e étnico racial, e é somente através dessas mudanças que as crianças negras vão passar a se valorizar e ter uma boa autoestima, a escola tem como obrigação passar uma perceptiva positiva a essas crianças somente assim elas irão se sentir respeitadas.

2.1 Referencial Teórico

Segundo Hall, (2003, p..6) a representação é “o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados”. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos as coisas. Os sentidos conseqüentemente, sempre mudaram de uma cultura para outra e de uma época para outra.

Os grupos sociais que circulam no meio social acabam gerando sentimentos e conseqüências, porem algumas representações acabam ganhando maior visibilidade se tornando uma expressão da realidade social na sociedade em geral, as representações que mais prevalecem são formadas por narrativas hegemônicas, que representam um grupo social causando desvantagem a outro, foi construída com base nos sentidos das normalidade e anormalidade uma norma padrão para o homem, branco, heterossexual, cristão. Os que não se enquadram nesse padrão estabelecido são excluídos socialmente. Segundo Judith Butler (2003) O adjetivo designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não podem usufruir do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito.

A abjeção social ocorre através de marcadores sociais que foram formulados através de teorias biológicas errôneas que usam das marcas corporais, elementos para que possam homogeneizar os sujeitos e naturalizar identidades, o africano escravizado e seus descendentes entraram na teoria racista com base no que antes era biologia e científica, passando a ser baseada pelas marcas corporais, uma visão

totalmente equivocada sobre o corpo pois a identidade nada tem a ver com evidências corporais. A forma de se definir preto e branco não é a mesma forma em outros países. Mas para as ideologias racistas o corpo passa a ser visto como um julgamento da nossa identidade, daquilo que somos. Para alguns autores essa ideia fixa da identidade em face da angústia que é sentida diante de incertezas e de ameaça de dissolução.

Para Stuart Hall (2003), a identidade só pode ser entendida como algo que é construído por meio da diferença, A identidade é algo inacabado, que está ligada as diferenças com o outro. Sendo assim a identidade será um processo de interação com o outro. E o racismo entra para dificultar essa interação, criando fronteiras entre esse diálogo. Segundo Stuart Hall (2003), o corpo negro passou a ser referido como marca de identidade, passando a ser uma essência, o sujeito negro assim como seu corpo passa a ser racializado deixando de lado toda a sua história, a diversidade, contexto social e cultural.

Somos tentados a exibir o significante negro como um dispositivo que pode agregar a todos negros e negras, policiando as fronteiras políticas, simbólicas e posicionais como e fossem genéticas. Negro não é uma categoria de essência numa direção a homogeneidade, existe com conjunto de diferenças históricas e experiências que devem ser consideradas e que localizam, situam e posiciona o povo negro. (HALL, 2003 p.345)

E quando se trata de beleza, quando se fala de um corpo belo, precisamos lembrar que a palavra belo é muito volúvel e vai depender muito em que sociedade está inserido isso dita muito o padrão estético e muda o tempo todo.

Na sociedade contemporânea os corpos deixam de vistos como templos e passam a ser visto como objeto de mercado, isso tudo devido a globalização e a industrialização, onde a cultura se difundem, esse novo modelo de beleza fez do corpo um nicho de mercado, atribuindo ao corpo feminino a estética da magreza, e para estar inserida nesse padrão de beleza a mulher tem que ser magra, ter cabelos lisos e longos, ter pele clara etc. (MATARAZZO, 1998) Dentro desse padrão de beleza as mulheres negras são as mais atingidas as que sofrem por ser excluídas, por não fazer parte dos elementos que compõem esse padrão.

O corpo humano e seu fenótipo forneceram os dados a partir das quais foram formuladas teorias que escalonaram os seres humanos. Delegaram às

chamadas raças brancas o lugar de paradigma de beleza, o ápice da pirâmide estética e relegou às raças não brancas, especialmente a negra, a base da hierarquização - pode-se citar outras esferas da hierarquização com as das qualidades morais e intelectuais. Neste sentido, percebemos que características físicas são lastro, substratos material de qualquer processo de construção indenitária, especialmente num jogo imbricado onde raça, cor e estigmas misturam-se e colocam os negros em severas desvantagens representacionais (GOMES,2002, p.08)

Para Gomes (2002), o cabelo e o corpo são pensados pela cultura, nesse sentido o cabelo crespo o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como um dado biológico. Sendo assim a resistência é um dos grandes objetivos da estética negra essa resistência acontece através de seu corpo e seu cabelo, utilizando a estética como instrumento para combater o racismo. Ainda, Gomes (2002) destaca que a estética dita muito sobre o sujeito, e sobre a posição que esse sujeito ocupa na sociedade, numa sociedade que dita que cabelo bonito é o cabelo liso sendo assim a mulher negra ao alisar seus cabelos vai ser aceita, isso nos mostra como a influência das relações de poder e os discursos sobre o que não se encaixa trás para as mulheres negras, situações de discriminação e constrangimentos.

Essa estética da mulher negra vem sendo muito discutida nos movimentos de valorização da estética da mulher negra, e é através dos cabelos afro que por muitos é visto como um cabelo ruim, cabelo duro que essa resistência acontece. Hooks (1995) reforça que a mulher negra sempre foi tratada como objeto sexual. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só cor e mente. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas deviam ser controladas.

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representa-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS,1995, p.469)

Se por um lado o corpo negro sempre foi visto como objeto sexual, seus cabelos eram vistos como algo pejorativo, uma forma de sempre lembrar de suas origens, e

de sua estética não se enquadra na estética branca. Quando uma pessoa negra entra na vida escolar o negro se vê num cenário de racismo e discriminação e quem mais sofre com essas ofensas é a menina que passa ter apelidos como cabelo de vassoura piaçava, cabelo de Bombril, neguinha do cabelo duro, cabelo ruim etc. Adjetivos esses que destroem sua autoestima. Antes esses atos de preconceitos não eram tratados nas escolas, e estas não tinham ações de prevenção para esse tipo de racismo, esse tipo de ato tinha uma ação direta no rendimento escolar dessas crianças e aumentava a evasão de crianças negras na escola.

A maneira com que a escola, assim como a sociedade veem o negro e a negra emitem opiniões sobre seu corpo e seu cabelo e sua estética deixam marcas profundas na vida desses sujeitos. Muitas das vezes, só quando se distanciam da escola ou quando se deparam com outros espaços sociais em questão racial é tratada de maneira positiva é que esses sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade (GOMES, 2002, p.43)

O cabelo sempre foi visto como malcuidado não importava o quanto as mães cuidassem dos cabelos das suas filhas elas sempre sofriam preconceito e eram vítimas de racismo, sendo sempre alvo de piadas e brincadeiras de mau gosto e apelidos dentro e fora do ambiente escolar. Muitas negras em sua adolescência se viam obrigadas a fazer alisamento para se encaixarem na sociedade, seja num grupinho de amigos da escola ou até mesmo para conquistar um namorado. A escola, como já dito, anteriormente, não tinha a preocupação em falar sobre as diferenças raciais. Já na vida adulta as negras viam os cabelos lisos como padrão de beleza muitas acabavam alisando seus cabelos para poder se encaixar muitas vezes numa vaga de emprego e para a melhora de suas relações sociais, sem falar que muitas alisavam para tentar se livrar do trauma que passaram na sua infância.

Gomes (2002) afirma que a sensação de ter o cabelo constantemente desembaraçado e de não precisar sofrer as pressões do pente ou os puxões para desembaraçar os cabelos alia todo o sacrifício de alisa-lo. A mulher negra sempre foi vista como quem é relaxada, como alguém que não cuida de seus cabelos, como feiura etc. A Negra que tem o cabelo cacheado tem mais aceitação na sociedade do que a negra que tem o cabelo crespo, essas muitas das vezes são marginalizadas, ainda para Gomes (2002.p.44), “existe em nossa sociedade, espaços sociais nos quais os negros transitam desde criança, em que tais representações reforçam

estereótipos e intensificam as experiências do negro com seu cabelo e o seu corpo”. Dessa maneira se dá a entender que o cabelo tem um papel de muita relevância na construção social do indivíduo, não se trata apenas de estética ele carrega uma série de vivências que estão relacionadas a maneira que a pessoa é aceita no meio social.

Marcus Garey foi a inspiração para o movimento Rastafári, esses grupos falavam muito sobre a estética negra e sobre política nos anos 1960, o grupo tinha como objetivo valorizar a beleza negra, esse movimento foi muito importante um símbolo poderoso de liberdade dos padrões de estética branca, eram um grupo antirracista, anticolonial, religioso e afro-centrado. Esse movimento teve início nos EUA teve como principal motivo os direitos dos negros, o penteado Black Power foi usado para essa luta, teve como figura o Bob Marley e o Reggae era o estilo musical (COUTINHO,2011).

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o black, entraram na moda como símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro (a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos (as) jovens negros (as), quando parraram de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente as expectativas da sociedade (HOOKS, 2005, p.2).

O movimento negritude foi de grande relevância na construção do negro e seus direitos, suas origens seu papel social, sua autoestima, sua cultura, porém teve uma divisão de grupos enquanto uma minoria se atentava além das questões sociais numa luta conta toda opressão do sistema capitalista, a outra parte em sua grande maioria concentrava apenas nas questões raciais.

Quando ganhou força na França, a negritude era a ideologia de uma elite negra letrada, na medida em que congregava os estudantes oriundos de famílias remediadas dos papéis colonizador (Antilhas e África). O discurso de volta às origens, alardeado pela ideologia da negritude não atingia as massas africanas, as quais permaneciam em sua maioria analfabetas e preservando valores da cultura tradicional. Por isso, o discurso da negritude na África, a princípio, apenas sensibilizava a elite colonial negra, que vivia material e espiritualmente nos moldes do colonizador (DOMINGUES, 2005, p.7)

No Brasil esse movimento de luta ganhou força através da música nas letras das composições de vários artistas, era uma junção de cabelo, estilo musical, e roupas, que abriu espaço para esse movimento Black Power. Conforme Coutinho

O Brasil do final dos anos 60 vivia a ditadura militar, com censura, prisões, exílios e tudo mais por isso, o que chegou a população afro-brasileira do movimento norte americano foi só a estética Black Power os cabelos, a soul music, as roupas, boinas e a ginga tornando se moda. Artistas como Tim Maia, Tony Tornado e Trio Ternura reproduziam o que James Brown, a Banda Parliament, os Jackson Five e tantos outros faziam nos palcos estadunidenses, fortalecendo a autoestima dos negros. (COUTINHO, 2011, p.2)

Na opinião de Domingues, (2005, p.13), o movimento negritude chegou no Brasil em 1940, quando um grupo teve contato com essa ideologia e as transformaram em filosofia de vida, “esse movimento ganhou uma enorme importância indenitória entre uma grande parte da população afro descendente do pais fazendo com que se libertasse das amarras ideológicas da estética branca. ” Esses movimentos foram de suma importância para o enfrentamento do racismo. Foi um acordar da população uma verdadeira tomada de consciência sobre a opressão colonial, as imposições estéticas eurocêntricas, mostrou que os negros têm que ter orgulho de suas origens africanas que tem que ter sua autoestima positiva.

Silva (2000) ressalta que a identidade e a diferença são totalmente dependentes da representação e é através da representação que a diferença tem sentido, essa representação que faz a diferença e a identidade passa a existir. A identidade negra é uma identidade étnica e racial.

Para Sodré (1999) uma sociedade que é regida por uma estética branca, tem muitos problemas com discriminação e preconceito. Essa estética tem tanto poder que o exemplo disso é o alisamento dos cabelos, para que se torne liso para que se torne o mais próximo possível da estética branca, a mídia por um bom tempo deixou o cabelo afro invisível, tudo isso porque o cabelo afro era mal visto pela sociedade dominada pela estética branca.

Desde os anos 1960, o cabelo crespo tem sido utilizado como símbolo afirmativo da negritude, sendo instrumento de intervenção nos mais variados contextos. O cabelo crespo sempre fez parte da imagética das representações raciais, sendo imprescindível na construção dos estereótipos. Por esse e por outros motivos é que historicamente os negros vem sendo vitimizados no mercado da aparência e no mundo da beleza, uma esfera

marcada de modo contínuo pela construção de estereótipos negativos associados aos fenótipos negros, considerados feios, principalmente nos contextos em que há fortes e significativas desigualdades étnico-raciais. Nesse sentido, podemos afirmar que um dos fenótipos frequentemente enfocados nas construções negativas do corpo negro é o cabelo. Por essa razão, o cabelo crespo vem sendo instrumento de invenção nos mais variados contextos e culturas, por motivos similares ocupa um lugar central nas construções e nos discursos sobre a identidade negra no Brasil. Sendo assim, o seu modo de uso tornou-se um símbolo, um sinal diacrítico na afirmação da identidade. (FIGUEIREDO, 2020, p. 210)

É importante destacar o cabelo visto como símbolo de orgulho e de empoderamento, as redes sociais tem contribuído muito para que as meninas/mulheres negras tenham orgulho de sua identidade e reconheçam sua beleza e não mais se submetam aos padrões de uma beleza fabricada e imposta.

2.2 Metodologia

Para falar da metodologia utilizada nesta pesquisa e para que não nos afastemos de nosso objetivo principal, empregamos uma citação de uma autora que é uma referência nos estudos sobre decolonialidade e pensamento afrodiaspórico a través de seus importantes escritos respeito a epistemologia feminista negra, Patricia Hill Collins. Como nos apresenta esta autora (2020, p.141) “metodologia refere-se aos princípios amplos de como conduzir uma pesquisa e como aplicar os paradigmas interpretativos. ”

Por tanto, investigar o conhecimento de grupos que foram subjugados, como no caso da pesquisa em questão, mulheres negras sob o domínio da estética branca, hegemônica e eurocêntrica, requer mais inventividade no momento das análises (HILL COLLINS, 2020).

Dessa forma, além da pesquisa bibliográfica, que é na abordagem de Gil (2008, p.50), “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A principal vantagem dessa pesquisa reside no fato de que a mesma permite uma cobertura muito maior de fenômenos a serem investigados. Recorreremos, ainda, as transcrições de depoimentos de youtubers que estão disponíveis em suas mídias sociais e que versam sobre a temática proposta.

2.2.1 Depoimentos de youtubers: A representatividade das Influenciadoras digitais negras

Lindas e empoderadas, elas dominam as redes sociais ensinando milhares de mulheres a terem mais autoestima e aceitação. Já faz um tempo que elas têm destaque nas redes sociais não apenas por seus discursos sobre empoderamento e aceitação, mas também para debater assuntos essenciais, como feminismo, preconceito, moda, autoestima da mulher negra e racismo. Com conteúdo, de extrema importância se tornando inspiração para muitas mulheres que não se viam até então representadas. Como parte dos procedimentos metodológicos, passamos agora a apresentar a transcrição do depoimento de algumas influenciadoras negras.

(01) Natály Neri (@natalyneri) Ativista no movimento negro: Natály é cientista social e por isso discute temas como feminismo negro, valorização da mulher preta e políticas públicas. Vegana, ela também dá dicas de produtos de beleza naturais.

(02) Suyane Ynaya (@suyane_ynaya): Estilista discute temas do cotidiano de maneira leve e real, ela mostra que é possível alcançar seus objetivos.

(03) Tia Má (@tiamaooficial): Jornalista, palestrante, e humorista, Tia Má é uma verdadeira força feminina.

(04) Camilla de Lucas (@camilladelucas): Camilla aborda questões voltadas para a beleza com muito humor, ela costuma testar produtos de maquiagem mais baratinho na pele negra. Em vídeos curtos, ela fala sobre racismo, desigualdade social e ajuda mulheres pretas a se amarem cada vez mais.

(05) Roberta Freitas (@robfreitas): Roberta dá dicas de cuidados com cabelos crespos, além de dar um super show quando o assunto é maquiagem. Valorizando o corpo gordo da mulher negra, ela empodera e ajuda a elevar a autoestima de suas seguidoras.

(06) Gabi Oliveira (@gabidepretas): A influenciadora Gabi Oliveira fez a seguinte narrativa sobre a relevância de ser um influenciadora e poder ajudar outras mulheres a se aceitarem como são: Cabelo ruim, cara de empregada nega maluca, cara de bandida, nariz de batata, negra feia, coisa de preto, essas são algumas palavras e impressões diretamente ligadas as pessoas negras no Brasil e a pergunta que motivou o início do meu trabalho foi: “Será que tem alguma forma de mudar isso? Se você nasceu antes dos anos 2000 muito provavelmente você teve a Xuxa, Eliana e Angélica como referência, essa era a imagem do sonho do belo, do espelho o ser seguido, já para os meninos essa era a imagem das mulheres que mereciam os olhares a mulher ideal, mas aí eu te pergunto e quando você é totalmente o oposto dessa imagem?”

E quando essa mesma mídia apresenta essa imagem como a ideal? só apresenta as pessoas parecidas com você no papel de empregada de pele escura que está sempre pronta para servir os patrões, não tem família não tem história, dócil, mas serve só como pano de fundo ou da escrava que nunca articulou para alcançar a liberdade estavam sempre todos conformados, tem também a barraqueira o bandido o menino preto que foi abandonado e não dá pra esquecer da figura quase que mística que só aparecia nos carnavais isso tudo de baixo do mito da democracia racial que dizia que por conta da miscigenação o racismo não era tudo isso por aqui, isso foi crescer sendo uma criança negra uma eterna tentativa de se adequar. Eu me lembro que na minha infância eu tinha o hábito de colocar um pregador no meu nariz durante algumas horas por dia, isso quando minha mãe não estava vendo. Aí você pode me perguntar o porquê? Ainda naquela época eu já entendia que um nariz como o meu não era considerado bonito uma estética como a minha não era bem vista, afinal o que eu escutava era nariz bonito é nariz fino cabelo bom era o cabelo liso, quem já ouviu falar isso? Eu lembro também que por muito tempo meu sonho era ser babá minha mãe me perguntava da onde eu tirei isso? Eu aqui não estou de forma nenhuma desvalorizando a profissão não tem problema algum em ser babá ou empregada doméstica o problema é que um grupo de pessoas entende que milagrosamente aquelas profissões são destinadas para elas, que não existe outras possibilidades outras alternativas isso me faz pensar que as mídias não só reforçaram essa ideia como continuam reforçando. Na pesquisa *Raça e Gênero*³ nas telenovelas eles

³ Pesquisa em comunicação: jornalismo, raça e gênero/organização Francielle Maria Modesto Mendes, Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Wagner da Costa Silva. – Rio Branco: Nepan, 2021.

analisaram mais de 100 obras vinculadas entre os anos de 1995 a 2014 e concluiu se que essas obras 90% dos personagens centrais eram pessoas brancas e essa informação nos leva para muito mais, de que não ouve representatividade porque não necessariamente não existiam pessoas negras por ali o problema era, e é como essas pessoas são representadas, foram anos e anos reforçando estereótipos anos mostrando essas pessoas nas mesmas posições. E não para por ai eu como muitos outros criadores de conteúdo que nunca fomos representados para além dos estereótipos estamos hoje usando uma nova mídia para construir uma nova narrativa novas narrativas essas que impactam positivamente pessoas e causam transformação social no meu canal falo sobre o racismo e seus impactos falo bastante, mas eu também falo sobre intercâmbio, morar sozinho, relacionamento, maquiagem e sabem por quê porque nós existimos para além do racismo e do estereótipos que nos foram impostos e agora eu tenho uma pergunta a vocês que nova narrativa você quer colocar no mundo seja dentro ou fora da internet que nova história, você quer trazer luz eu vim aqui não só da meu exemplo e de incentivar eu vim mostrar que é possível. (@gabidepretas)

Diante da transcrição de alguns depoimentos de influenciadoras, selecionamos o de Gabi, devido a força de seu depoimento e a ênfase em aspectos que esta pesquisa contempla como a questão da construção de um imaginário, a construção de uma identidade a partir de padrões de beleza no qual uma menina negra não s reconhece, desde os brinquedos como destaca Bujes (2004, p.206) “o brinquedo e as brincadeiras estão envolvidos no processo de produção e imposição de significados”, o que podemos corroborar ao analisar o depoimento de @gabidepretas, quantos significados foram impostos no imaginário das crianças e jovens meninas negras vítimas de um padrão de beleza hegemônico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil a cor da pele e o cabelo crespo identificam o pertencimento a um grupo étnico racial onde funciona também a classificação hierárquica dentro de uma estrutura racial. Um país onde predomina a branquitude, onde o sujeito afro fica cada vez mais distante do topo. A uma desvalorização do negro na sociedade como um

todo, a população afro-brasileira padece das mazelas do racismo, racismo esse que carrega através dos seus traços e do cabelo crespo.

As mulheres negras fazem parte de um grupo na sociedade brasileira na qual são postas de lado, onde além de sofrerem com o machismo, sofrem também com o racismo e com o preconceito por causa da cor da sua pele. O corpo da mulher negra passou por diversas atrocidades desde os tempos da escravidão, corpo esse que foi coisificado o que levou a desvalorização do negro na sociedade

Esta pesquisa objetivou analisar o impacto do racismo na construção da identidade da mulher negra. Buscou-se nessa pesquisa, investigar o porquê de o cabelo afro ser visto e tratado com adjetivos pejorativos e refletir sobre os conflitos das relações raciais no Brasil. E pudemos observar através da revisão bibliográfica realizada e da transcrição de alguns depoimentos de influenciadoras digitais negras, que o cabelo afro tem um histórico de violência racial, que leva a rejeição, negação, aceitação e a ressignificação a respeito da sua negritude. A ideia de que um cabelo liso é um cabelo bom e que o cabelo crespo é um cabelo ruim ainda se faz presente no imaginário da sociedade, esse pensamento influenciou gerações de mulheres afrodescendentes a fazer alguma intervenção capilar através de químicas. O cabelo da mulher negra possui um significado e uma enorme relevância pois discute como a estética está fundamentada e como a ditadura do cabelo liso pode interferir na identidade da mulher negra, o corpo negro e seu cabelo são mais que estética, faz parte do seu processo de aceitação.

Conclui-se que as mulheres negras ao romper com a lógica hegemônica, ultrapassam a barreira do racismo e constroem a sua própria identidade e a partir do momento que essas mulheres começam se aceitar elas se tornam parte do tornar-se negro. O caminho para combater o racismo é longo e árduo, no entanto não é impossível pois existe uma parcela da população que despertou para essa questão política e que enfrentam muitas situações de exclusão que não se calam e que tem como sua principal arma as redes sociais. Os depoimentos apresentados nesta pesquisa demonstram isto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luciene C. **Identidade, estigmas e Branquitude: Reflexo sobre a mídia brasileira**, Interação. São Paulo v.1.n1.p. 58-73 1 semestre 2014. Disponível

em: <https://livrozilla.com/doc/1312420/identidade--estigmas-e-branquitude-reflex%C3%B5es-sobre-a-m%C3%ADd> Acesso em: 29 maio de 2021.

BENICINI, Roberta. **Educação não tem cor**. Nova escola. Ano XXI, n.177, p.46-53, no.2004

BOBBIO, Norberto et all. **Dicionário de política**, vol.1. Brasília: Editora Universidade de Brasília 11 edições 1998.

BUJES, Maria Isabel. **Criança e brinquedo: feitos um para o outro?** In: Costa, Marisa Vorraber, Alfredo Veiga-Neto, et al (Orgs). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro: Civilização Brasília 2003

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, Formação pessoal e social**. Ministério da educação fundamental. Brasília, 1998.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A Estética e o Mercado Produtor-Consumidor de Beleza e Cultura**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661828_ARQUIVO_AEstetic_aoMercadoProdutor-ANPUH11-2.pdf Acesso em 30 de maio 2021.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude: Uma breve história**. Londrina Revista de Ciências sociais, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. **Existe fada negra?** Pátio Educação Infantil. Ano IV, n.10, p.35-37 mar/jun. 2006.

ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação Intercultural: Prática social significado político e abordagem científico**. Revista da Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, 06, n 2, 2006

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afrodescendente**. Psicol. Soc. 14 (1) • jun. 2002 • <https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000100005>.<https://www.scielo.br/j/psoc/a/JHpfP3bp6dd8Y4wrw8XbHN/?lang=pt> Acesso em junho de 2021.

FIGUEIREDO, Angela. **A marcha das mulheres negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização de mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do poder**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte. Autêntica, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Editora Atlas, 208.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro, e cabelo crespo? Reprodução de estereótipos e ressignificação cultural?** Revista Brasileira de educação, Minas Gerais, 2002.

HALL Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte UFMG, 2003.

HILL COLLINS, Patrícia. **Epistemologia Feminista Negra**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte. Autêntica, 2020.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negros**. Revista estudos Feministas n2, 1995.p. 454- 478

HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com.
<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/> Acesso em maio de 2021.

IANNI, Octavio. **Escravidão e Racismo**. São Paulo: HUCITEC 1978.

MATARAZZO, Claudia. **Beleza 10: Um guia de cuidados para todas mulheres**. São Paulo: Senac 1998.

MUNANGA, kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, Editora Vozes 1999

Ribeiro, Carlos Antonio Costa. **Desigualdade de oportunidades no Brasil**. – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acesso em maio de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais** /Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SODRE, Muniz. **Claros e Escuros; a identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis; Vozes, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**.2.ed.Rio de Janeiro, Graal, 1983.

TYLOR, Edward B. **A ciência da Cultura** In: **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Trad. Mania Lucio de Oliveira. 2ed. Rio de Janeiro, Zahar. Ed.2009.p.67-99.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a Deus por ter me dado força e coragem durante toda a caminhada, a minha família, em especial minha mãe, vó e filha, pelo amor, carinho, ensinamentos e por depositarem toda confiança em mim. Amores incondicionais de minha vida que fazem tudo valer a pena. A minha orientadora Janete Rosa da Fonseca, pela constante ajuda, orientação nesta pesquisa e contribuição fundamental na minha formação. E a todos os professores da UFMS/CPAQ pelos ensinamentos e aos meus amigos e colegas de turma pelos momentos de convivência e aprendizado.

Recebido em: 11 de setembro de 2022.

Aprovado em: 14 de dezembro de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10638/7336>

ⁱ Graduação em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (2013). Graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPAQ (2021). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Decoloniais (GPED/UFMS).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3439438365587987>

E-mail: leidelauradossantos28@gmail.com